

A ignorância e o caminho do saber

Inácio Pinzetta,

doutor em Filosofia pela UFRGS, professor na Unisinos e na EMEF Olímpio Vianna Albrecht, São Leopoldo, RS.
E-mail: pinzetta@unisinos.br

Sérgio Trombetta,

mestre em Filosofia pela PUCRS, professor de Antropologia, Filosofia e Ética na Unisinos, São Leopoldo, RS e na Faccat, Taquara, RS.
E-mail: sergiot@unisinos.br

Sócrates afirmava com frequência, na praça (ágora) de Atenas “sei que nada sei”. Dizia ele: “A sabedoria começa quando reconheço a minha ignorância”. Esse é o seu conhecimento e sobre ele constrói sua filosofia. Se sabe que nada sabe e pretende saber, necessita, pois, perguntar, questionar, colocar em dúvida o já sabido, as certezas e convicções. E é isso que ele faz: perguntas a si mesmo e aos outros. Um dos métodos socráticos de buscar o conhecimento, a verdade segura e certa, ou ao menos se aproximar dela, é por meio do diálogo, da pergunta e da resposta.

Não existe ninguém que seja dono do pleno conhecimento, da plena verdade. O pressuposto socrático é de que o ser humano ignora tudo e, para sair desse estado de ignorância, necessita de alguém com quem possa dialogar, do método pergunta-resposta. A verdade, na compreensão socrática, não está propriamente no mundo dos deuses apenas, mas em nós mesmos, dentro de nós, na nossa psique (alma). Daí o seu imperativo: “Conhece-te a ti mesmo”.

Saber e não saber

A relação entre saber e não saber (conhecimento e ignorância) se processa em constante tensão. Sabemos que sabemos, nos fascinamos pelas descobertas e pelos avanços científicos e sonhamos por novas descobertas, novos conhecimentos. Há no conhecimento uma tentação de poder, domínio, controle. Por outro lado, sabemos que pouco ou quase nada sabemos. Sabemos que somos limitados no nosso conhecimento e sabemos que nossa ignorância não tem limites.

A cada passo que damos, a cada quebra-cabeça que resolvemos, novos e difíceis problemas surgem. Basta olhar o céu à noite, cheio de estrelas, para nos deixar em estado de vertigem, encanto e admiração, e nos perguntarmos na cátedra da nossa ignorância: onde estamos, de onde viemos, qual o sentido do nosso existir, como devo viver, para onde vamos?

O verdadeiro sábio é todo aquele que, ao modo socrático, sabe que nada sabe, que precisa ter a humildade de perguntar, de não ter a pretensão de ter as respostas definitivas para tudo. O saber, o conhecimento, por pouco que se possa alcançar referente



à imensidão do que não sabemos, se efetiva pela interação, pelo diálogo, pela constância da investigação, pelos contínuos experimentos, pelo acerto e pelo erro. O não saber, a ignorância, nos motiva para buscar o saber e o conhecimento e, por outro lado, nos ensina o caminho da humildade e da tolerância.

Saberes diferentes

A possibilidade infinita de conhecimento não deve gerar em nós a ilusão de que um dia seremos capazes de dissipar o universo de questões que ultrapassam o nosso poder de conhecer. Como nos diz Pascal: o último passo da razão é reconhecer que há um oceano de questões que a ultrapassam.

Paulo Freire diz que não há ignorantes absolutos e nem sábios absolutos. Não há saber mais nem saber menos: o que há, na verdade, são saberes diferentes. Nessa perspectiva, podemos dizer que todos possuem algum tipo de saber, pois alguém é ignorante em relação a um determinado assunto, mas pode ter muito conhecimento em outras áreas. Dizer que alguém é ignorante, em nossa sociedade, é uma forma de exercer o poder sobre o outro. É um discurso que tem como objetivo legitimar a dominação dos que sabem e conhecem sobre os que ignoram e desconhecem.

A singularidade é a lei do mundo. As inteligências e também as ignorâncias são diferentes e singulares. Toda a

peessoa carrega consigo algum tipo de conhecimento que lhe permite viver em uma cultura/sociedade, e assim dar conta da complexidade da vida em seu espaço cultural. Nosso conhecimento é uma gota frente ao oceano da nossa ignorância. Conhecemos uma mínima superfície da realidade. A crença iluminista de um sol, uma luz (saber, conhecimento, ciência) que ilumina, conhece e desvela todos os segredos do universo é um delírio, uma falácia, um mito. Nossa condição no mundo é a de sermos eternos aprendizes que, reconhecendo nossas ignorâncias, nos lançamos na busca apaixonada pela sabedoria.



Sugestão de Vídeo

Programa Roda Viva da Tv Cultura, com o filósofo francês Edgar Morin. Duração 1h28min. Acesse por este link: <http://bit.ly/morin-roda-viva>

Questões para Debate

- 1 - Por que a ignorância nos assemelha enquanto seres humanos?
- 2 - Como deve ser a postura de alguém que realmente deseja buscar o conhecimento?
- 3 - O que significa dizer, com Paulo Freire, que não há saber mais ou saber menos, mas apenas saberes diferentes?